



O PROTESTO EM FRENTE AO HRAN REUNIU CERCA DE 50 PACIENTES: MANIFESTANTES RECLAMARAM DA FALTA DE INVESTIMENTO NO PROGRAMA DE TRANSPLANTES

Pacientes cobram transplantes no Hran

HELENA MADER
DA EQUIPE DO CORREIO

Desde que descobriu que seus rins pararam de funcionar, Paulo Roberto Souza Santos, 34 anos, luta contra as dificuldades que a doença lhe impõe. Há quatro anos, precisa fazer hemodiálise quatro horas por dia, três vezes por semana. Sai das sessões fraco e debilitado. Há dois anos, Paulo foi aprovado em um concurso público, mas não pôde assumir a vaga justamente por ser um doente renal. "Só vou conseguir um emprego, só terei uma vida nova depois de fazer um transplante. Essa é a minha única esperança", conta o paciente. Paulo e outras 50 pessoas, a maioria doentes renais crônicos, participaram ontem de um protesto em frente ao Hospital Regional da Asa Norte, para pedir pressa na liberação de transplantes na unidade. Contaram seus dramas pessoais para tentar mobilizar os médicos e a sociedade para a urgência de seus casos.

O grupo conseguiu uma audiência com o diretor do hospital, Benedito de Souza, e com o subsecretário de Atenção à Saúde, Milton Menezes. Os representantes da Secretaria de Saúde garantiram que as cirurgias serão feitas o mais rápido possível. A expectativa é que o Ministério da Saúde libere o credenciamento do hospital até amanhã, quando se comemora o Dia Mundial do Rim — haverá mobilização em 59 cidades do país. "A partir da assinatura da autorização, já começaremos a fazer exames com os pacientes para realizarmos o primeiro transplante intervivos no Hran. Vamos ganhar mais um centro transplantador, o que vai ajudar a mobilizar a sociedade para a importância da doação de órgãos", garante Menezes. Mais de mil pessoas esperam por um transplante de rim no DF.

O diretor do hospital afirmou que todas as reformas que eram necessárias já foram feitas e que

ENTENDA O CASO

Um atraso de 333 dias

Diante da pressão dos doentes renais, que cobravam a descentralização dos transplantes de rim, o secretário de Saúde, José Geraldo Maciel, anunciou em 6 de abril do ano passado que o Hospital Regional da Asa Norte começaria a fazer o procedimento dentro de 80 dias.

Mas o projeto não saiu do papel. O governo argumenta que o atraso foi causado pela necessidade de obras e adequações nas instalações da

só falta agora o credenciamento. "Contratamos mais dois médicos e aumentamos a carga horária da equipe de enfermagem para não faltar profissionais para a área de transplante", explica Benedito de Souza.

Rio Grande do Sul

A presidente da Associação dos Renais de Brasília, Regina Gonçalves, critica a falta de investimentos no programa de transplantes e a falta de cuidado com os pacientes que dependem da hemodiálise para sobreviver. "Brasília não tem nenhum grande centro transplantador. As cirurgias são feitas apenas no Hospital de Base, mas a captação e a infra-estrutura são ineficientes. Quem tem dinheiro vai logo procurar ajuda em outro estado, mas quem não tem acaba morrendo na fila", protesta Regina.

O tratorista Adão dos Santos Silva, 33 anos, descobriu que a insuficiência renal do filho Fernando Silva quando o menino tinha apenas poucos meses de idade. O pequeno paciente começou a fazer hemodiálise e entrou na fila de

unidade. O centro cirúrgico, a lavanderia e a central de material esterilizado tiveram que ser reformados para atender às exigências da legislação.

Na última segunda-feira, 333 dias depois que anunciou o início das cirurgias, José Geraldo Maciel se reuniu com o ministro da Saúde, Agenor Álvares, e entregou o pedido de credenciamento para o Hran começar finalmente a transplantar os pacientes com falência renal que precisam de um novo órgão. Antes da liberação da autorização, o hospital terá que passar por uma vistoria de técnicos do Sistema Nacional de Transplantes.

transplante. Mas a família só conseguiu um novo rim para o garoto quase sete anos depois. E precisou ir para o Rio Grande do Sul para que Fernando fizesse o transplante. Com a demora, o menino ficou com problemas de audição. A cirurgia no sul foi um sucesso e Fernando, 8 anos, agora tem um novo rim. "Mas precisamos viajar de três em três meses para fazer as consultas. Agora mesmo, meu filho está com a mãe no Rio Grande do Sul", conta Adão.

A manifestação dos doentes renais teve o apoio de integrantes do Rotary Club, que levaram faixas e acompanharam os renais no encontro com os representantes da Secretaria de Saúde. No ano passado, foram feitos 43 transplantes na rede pública, 32% a mais do que em 2005. Apesar do crescimento, os renais acreditam que não têm motivos para comemorar. Para eles, a situação dos pacientes só vai melhorar se forem feitas 100 cirurgias por ano. A Secretaria de Saúde garante que, com as medidas para dinamizar o setor no DF, o total de cirurgias pode dobrar.

AS REGRAS

Para retirar o órgão de um paciente com morte cerebral, é preciso antes de tudo a autorização da família do doador. Mas além disso, a equipe de médicos precisa seguir uma série de normas antes de retirar os órgãos e transplantá-los no receptor. Confira as regras no caso do transplante de rim:

Morte cerebral confirmada

• Função cardíaca intacta

• Idade de 2 a 60 anos

• Compatibilidade sanguínea com o receptor

• Os rins devem ser retirados até seis horas após a morte cerebral

O paciente doador com morte cerebral não pode apresentar:

• Septicemia

• Doença infecto-contagiosa

• Doença maligna extracraniana

• Hipertensão crônica grave

• Diabetes melito dependente de insulina

• Hepatites, HIV ou chagas

• Doença auto-imune

• Uso de droga intravenosa